

IDEALIZAÇÃO ROMÂNTICA DA MULHER E MISOGINIA: DE ALGUNS POSSÍVEIS USOS, EM HISTÓRIA DA LITERATURA, DOS *SONETOS* DE JOSÉ MARIA DO AMARAL

SONIA MONNERAT BARBOSA
UFF

O trabalho aqui apresentado, que vai na pauta da busca de ampliação e diversificação de fontes na revisão da História da Literatura Brasileira, relaciona-se com projeto em desenvolvimento no programa de Doutorado da UFF, decorrendo de pesquisa feita a partir de um *corpus* manuscrito de 565 *Sonetos* de José Maria do Amaral (1813-1885), cuja edição está sendo por nós preparada.

Procuraremos discutir questões relativas à presença de diferentes imagens do feminino em textos de autores brasileiros do século XIX romântico. Pensando em questões que interessam à discussão no campo da História da Literatura, especialmente relacionadas a padrões da escrita literária romântica canonizados e suas margens obscurecidas, procuramos, no presente trabalho, relacionar uma parte da produção poética dos *Sonetos* de Amaral com elementos presentes em outros textos da época, buscando ler no discurso da misoginia a contrapartida da "idealização" da mulher, apresentada como uma das características centrais da poesia do romantismo.

Lendo poetas de nossa letras é possível verificar que o amor romântico poetado não se alimenta só de mulheres idealizadas como anjos etéreos. É indiscutível haver, em abundância, uma poesia amorosa caracterizada pela apresentação de uma relação de gêneros em que um eu lírico masculino se coloca numa situação de inferioridade moral e espiritual face à amada, à sua perfeição e pureza, situação bem exemplificada em obras de História da Literatura, manuais didáticos e antologias que fixam a figura feminina típica do imaginário poético romântico canônico. Todavia há,

a seu lado, uma outra poesia em que, no confronto dos gêneros, a voz masculina se assume como superior, definindo a mulher como negatividade, como mal, ser inferior por essência ou por circunstâncias.

A respeito do primeiro conjunto, correntemente identificado como poesia de idealização da mulher, poderíamos conferir a presença desta característica e definições em muitos autores que tratam do período romântico. Não sendo nosso principal objetivo a investigação deste tipo de representação poética do feminino, e por ser amplo seu conhecimento, caminhando em direção às margens, passaremos à identificação de imagens diferenciadas com relação àquela do protótipo da mulher romântica apresentado, trabalhando, inicialmente com um poeta do cânone romântico, fazendo-o a partir do destaque de pontos tangenciados por Mario de Andrade no ensaio "Amor e medo" (1935).

Mario de Andrade em "Amor e medo", que aqui não discutiremos em seus fundamentos, chama a atenção, entre outros poetas românticos estudados, para a associação de amor e morte na poesia de Gonçalves Dias e para sua relação com "uma filosofia pessimista do amor, bem wagneriana, pra não dizer shopenhauriana" (concluindo Mario ser este lado – o que alia amor e morte – "o lado por onde o medo de amor melhor aparece na obra dele", isto é, de G. Dias). Exemplificando, enumera Mario passagens, não pouco frequentes nesse poeta, em que a mulher aparece representada como infiel, como é o caso dos poemas "Pedido", "O trovador", "Amor", "Palinodia", entre outros.

Retomando aqui "O trovador", indicado por Mario, observa-se tratar-se de poema ditado por uma voz poética masculina dirigida ora a uma mulher, ora a um homem. À mulher diz:

"Mas, se queres amar, eu te aconselho,
"Que não guerreiro, escolhe um trovador,
"Que não tem um punhal, quando é traído,
"Que vingue o seu amor."

"Aos homens da mulher enganam sempre
"O sorriso, o amor;
"É este breve, como é breve aquele
"Sorriso enganador."

Dirigindo-se ao receptor masculino a voz poética que enuncia "O trovador" diz:

"Teu peito por amor, Donzel, suspira,
Que é de jovens amar a formosura,
Mas sabe que a mulher, que amor te jura,
Dos lindos lábios cospe a mentira!"²

Neste e em outros exemplos, transparecem claras imagens misóginas, embora esta faceta não seja acentuada pela crítica de Gonçalves Dias. Mesmo Mário de Andrade, que fez a descrição de uma poesia impregnada por uma "filosofia pessimista do amor", não a relaciona explicitamente a formulações de caráter misógino do século XIX, como é o caso da teoria filosófica da vontade e do pessimismo de Schopenhauer (1788-1866) que atribui à seleção natural a dissimulação feminina, argumentando que as mulheres, por não serem fortes, tirariam sua força da "sutileza" que lhes seria "instintiva"; ou, como é também o caso, das concepções psico-fisiológicas expostas por César Lombroso (1836-1909), médico criminalista que postulou que a mulher, por constituição bio-fisiológica, dada a necessidade de ocultar a menstruação, seria dissimuladora e mentirosa.

Se em Gonçalves Dias podemos identificar imagens de mulher que não se inscrevem nas relações de características do estilo romântico, esta não é, entretanto, uma possibilidade tão corriqueira o que pode, a princípio, fazer pensar que o pessimismo amoroso pouco tivesse a ver, entre nós, com um pensamento misógino. Poemas colacionados, ainda recentemente, por antologistas como José Lino Grünwald,³ Alexei Bueno,⁴ Magaly Trindade Gonçalves, Zélia Thomaz de Aquino e Zina Bellodi Silva,⁵ apresentam, de românticos, amores que, mesmo quando tristes e desengañados, não explicitam com clareza imagens femininas opostas ao padrão da idealização.

José Maria do Amaral, objeto de nossa pesquisa, tem seu poema mais reproduzido em antologias, o "Moestus sed placidus", que no manuscrito figura com o título "Suaves Tristezas", presente nas coletâneas de José Lino Grünwald e das três professoras paulistas: neste soneto está presente a associação entre sofrimento e desengano amoroso, que parece ser a marca de sua poesia:

² Dias, A. Gonçalves. *Poesia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

³ Grünwald, José Lino. *Grandes sonetos da nossa língua*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

⁴ Bueno, Alexei. *Grandes poemas do Romantismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

⁵ Gonçalves, Magaly Trindade; Aquino, Zélia Thomaz de; Silva, Zina Bellodi. *Antologia de antologias: 101 poetas brasileiros "revisitados"*. São Paulo: Musa Editora, 1995.

¹ Andrade, Mario de. *Aspectos da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Americ, 1943.

Tristezas de minha alma, tão sentidas,
Que sois doces memórias do passado,
Do tempo já vivido e tão lembrado
Inda me dais as horas já perdidas.
Horas de tanto bem, tão bem vividas,
Quando vivi feliz e descuidado,
Sejam ao coração desenganado
Sonhos que enganem dores tão gemidas.
Tem hoje o meu viver tal agonia,
Que é doçura a tristeza da saudade
E a saudade do tempo é poesia.
Flores do tempo sois da mocidade,
Minha velhice em vós se refugia,
Tristezas de minha alma em soledade.

Todavia é esse um motivo recorrente que se põe ao lado de um número muito elevado de poemas que revelam uma imagem de mulher associada ao mal, existindo casos de sonetos em que se explicita ser a figura feminina, por sua essência negativa, a causa da infelicidade amorosa. Astúcia, artifícios, fingimentos, dissimulações, mentiras, traições, dadas como marcas da natureza do gênero feminino, e sofrimento e desonra masculinos, dados como consequência dos atributos femininos, muitas vezes formam par em sonetos de José Maria do Amaral. Mesmo nos poemas que não se caracterizam pelo tom de uma poesia séria, mesmo naqueles que apresentam traços de uma lira risonha e galhofeira, podemos, não raro, encontrar um humor de timbre masculino marcado pela misoginia. Dentre os versos de consoantes forçados de uma série nomeada "Cousas de estudantes" encontramos o riso despertado por insinuações de traição feminina em que imagens de chifres estão implícitas:

Não sei porque parece-me de vaca
Cabeça de marido que é careca,
E tem mulher que toca-lhe rabeça,
Com tal força, que o cérebro lhe ataca.
(...)
A mulher tem tal arte e pelotica,
Que aonde a obra alheia ela coloca,
O marido a recebe e a rubrica!

Em José Maria do Amaral, ao lado de poemas em que se dá a prática com temas comuns a outros poetas do romantismo brasileiro, ressalta o grupo dos textos que têm poucos similares nos conjuntos de poesia publicada pelos nossos poetas românticos canônicos: entre esses poemas que se esgarçam à margem do Romantismo descrito pela maioria das obras de História da Literatura e de manuais didáticos, estão os versos da misoginia

e também outros conjuntos menores, mas não menos significativos, como de uma poesia de disparates.

Sendo nosso interesse falar das margens do cânone, de contextos de produção e de circulação de discursos, de superposição e oposição de papéis de homens-públicos que também eram poetas, e, dentre estes, de poetas que, tendo produzido – e nem sempre bissextamente –, deram pouca publicidade ao conjunto de suas produções, retomemos brevemente Machado de Assis que, em texto crítico publicado na "Semana literária" do *Diário do Rio de Janeiro* de 6 de março de 1866, escrevendo sobre "O teatro de José de Alencar", após louvar estréias dramáticas de autores como Alencar, Bocaiúva, Pinheiro Guimarães e Macedo, lamenta que:

a política que já nos absorveu, entre outros, três brilhantes talentos poéticos, o Sr. Conselheiro Otaviano, o Sr. Senador Firmino, o Sr. Conselheiro José Maria do Amaral, ameaça fazer novos raptos na família das musas. Parece-nos, todavia, que se podem conciliar os interesses da causa pública a da causa poética. Basta romper de uma vez com o preconceito de que não cabem na mesma frente os louros de Fôcion e os louros de Virgílio. Por que razão o poema inédito do Sr. Conselheiro Amaral e as poesias soltas do Sr. Otaviano não fariam boa figura ao lado dos seus despachos diplomáticos e dos seus escritos políticos? Até que ponto deve prevalecer um preconceito que condena espíritos educados em boa escola literária ao cultivo clandestino das musas?⁶

Mesmo considerando justificáveis as preocupações de Machado manifestadas em 1866, podemos arrazoar sobre vantagens históricas, para o conhecimento de relações entre poesia e imaginário cultural, vantagens advindas do fato de se poder conhecer hoje o fruto do cultivo clandestino das musas, como é possível no caso do conjunto manuscrito com que trabalhamos.

É possível pensar que somente entre papéis privados se encontrem bons e numerosos exemplos de um imaginário da cultura romântica misógina. É interessante destacar que os textos de José Maria do Amaral com que trabalhamos são poemas inéditos em livro.

Com relação à poesia de Amaral, podemos dizer que os sonetos da sua lírica amorosa são, quase na totalidade, sonetos do amor desenganado e de recordações de um passado que alentam o eu-lírico. Cumpre, todavia, assinalar que, embora em restritíssimo número, há sonetos que fazem o elogio de figuras femininas como ocorre em "Memória de minha mãe" e em "Bela e boa".

O conjunto dos poemas misóginos, nem sempre se evidencia numa dicção poética séria. Lendo um amplo conjunto de sonetos vemos que há

⁶ Assis, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. O teatro de José de Alencar. V.3.

gradações na representação do mal encarnado na figura feminina, muitas vezes o tom jocoso encobrendo a radicalidade ideológica do pensamento antifeminino que sua poesia representa.

Em passos muito especiais são os títulos apenas que invertem a mão da representação idealizada de virtudes femininas que os versos parecem dar. Leia-se, a propósito, de "Patacoada", a quadra inicial e o terceto final:

Ante a luz dos teus olhos a do dia
Em tristeza desmaia e escurece;
O sol, de inveja, pálido entristece,
O teu olhar lhe torna a luz sombria.
(...)
És sol de cujos raios me avivento,
A vida de que vivo é teu efeito,
Tu és, depois de Deus, meu pensamento.

Observando algumas vertentes dessa sua poesia, cumpre observar que, com ou sem a presença de imagens desvalorizadoras da mulher, há em alguns dos sonetos de José Maria do Amaral uma poesia antimatrimonial. Esta poesia misógama (de repulsa do casamento) situa-se na longa tradição dos discursos relativos à tópica das *molestiae nuptiarum* (dores do casamento), tradição que passa da ortodoxia cristã da patrística dos primeiros séculos (com Jerônimo, Tertuliano) aos textos da alta Idade Média da cultura vernácula, como se lê no *Roman de la rose* (de Jean de Meun), tradição estudada por Howard Bloch em *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*.

A poesia misógama compreende cerca de vinte poemas e se inscreve, por vezes, no espaço de formulação da sátira, sem abdicar do tom sentencioso, persuasivo (dissuasivo, em verdade), de uma fala masculina, a do poeta, que se dirige a um leitor virtual masculino a quem parece querer convencer das desvantagens do casamento. Como já observamos, nem sempre os poemas misógamos imputam claramente à mulher os males do casamento identificados pelo poeta, embora, em geral, o motivo misógamo mais claramente se associe a declarações poéticas de misoginia. Vejamos alguns exemplos:

Tu, que louvas amor, somente invocas
Dos laços conjugais as vãs ficções;
Mas nas dores reais por que não tocas?
Eis a história do rei dos corações:
Nasce em suspiro, cresce entre beijocas,
Vive trombudo e morre a cachações.
("História do amor")

Casar é decretar da vida a sorte,
Pensem no caso, e bem, a vida inteira;
E a solução? Na véspera da morte.

("Casar ou não casar")

Vejo o solteiro sempre satisfeito,
Outro tanto não digo do casado,
Vive tristonho e é mal-encarado,
Parece na existência contrafeito.

Presume que dos cônjuges no leito,
Apesar de ser leito consagrado,
O princípio do mal está plantado
Que na vida produz tão mau efeito.

Esta fatal maléfica influência
Do amor em santos enxergões me assusta;
O tálamo é martírio da existência.

Só lá se sabe o que a tarefa custa,
Do homem é tal catre a penitência,
Este é decerto o leito de Procusta.

("Leito de Procusta")

O laço conjugal ninguém desata,
Depois que nele a igreja nos enlaça;
Que é bem, uns dizem, outros que é desgraça,
Esse nó tão cerrado que nos mata.

("Esperança de casados")

Amigo João da Cruz, ninguém desfaz
O que inflexível o destino quis;
A tua sorte no teu nome diz
O que, decerto, se não és, serás.

(...)

Mulher é Satanás com mais dobrez,

Se ao matrimônio a sorte te conduz,
Verás aquilo que hoje não prevês,
A mulher há de ser a tua cruz.

("A João da Cruz")

- Pois não é flor de amor o casamento?
- Flor, não; espinho, sim, que causa dores.
De nós o que seria sem mulheres?
- Pergunto acerca delas outro tanto.
- Será pergunta ociosa se a fizeres.
Desde Adão a mulher nos causa pranto;
Diz a igreja, apesar do que disseres,
Quem evita a mulher torna-se santo.

("Gracejo")

Ao lado da poesia antimatrimonial há muitos sonetos que não falam em casamento mas que vituperam a figura feminina, acentuando a positividade de uma essência humana masculina. Valores como verdade, ideal, razão, vigor -postos como marcas do gênero masculino- compõem retrato em positivo do homem, opondo-se às marcas que compõem um retrato em negativo da mulher e da feminilidade.

Mulher sem alma é busto da tristeza.
De arte primor a estátua pensa ou sente?
Tudo te pôs no rosto a natureza,
Nada no coração, nada na mente!

("O rosto engana")

Outro conjunto de textos recortados aqui diz respeito a representações do feminino em que a imagem da mulher é identificada não só como negativo do homem, mas como fonte de todo o mal, associando-se, não raro, ao relato bíblico da queda e do pecado original, aí aparecendo a seleção freqüente de itens léxicos como Eva, serpente, Satã, demônio. Vejamos alguns exemplos:

É velha história; desde o paraíso,
A mulher a Satã foi instrumento,
Há de sê-lo até dia do juízo.

("Ofício da mulher")

Onde tem causa tanto abatimento?
Naquela que do mal é causa em tudo,
E desde o Éden ao mal deu nascimento:
Da mulher à malícia nisto aludo,
Sempre dela nos vem o sofrimento,
É punhal em bainha de veludo!

("Sempre elas")

Ninguém se queixa de mulher ingrata,
O queixoso papel faz de pateta;
Quem não sabe, se tem mente discreta
Que a mulher é traidora coma a gata?
A ingratidão desde a mãe Eva data;
O defeito da avó herdou a neta;
É sorte da mulher andar inquieta,
De algum vedado pomo sempre à cata.
Se Deus não evitou, ninguém evita,
Se Deus não derrotou, ninguém derrota
A avó que em cada neta ressuscita.
A traição mulheril não nos desbota,
A mente sã a sofre, não se irrita,
É caso de desprezo e de risota.

("As netas da avó")

A título de conclusão, destaque-se que em nossa tradição escrita circula a imagem santificada, angelical, do feminino valorizado, que o discurso romântico da idealização da mulher recicla em pauta própria, como filoginia. Circula a seu lado o discurso de inferiorização e desvalorização do feminino, de matriz misógina, situando, por oposição ao homem, a mulher do lado do menos (do artifício, da desrazão, da fala insensata e loquaz). Em uma de suas vertentes tal discurso identifica a mulher à fonte de todo o mal (lugar de origem do pecado original) remontando a caracterização do feminino a uma ancestralidade mítica cuja fonte é o relato da queda no livro do *Gênesis*.

Como se viu através dos textos trazidos à colação e nos quais nos abonamos para esta reflexão, a representação feminina romântica (assim como a representação da mulher numa longa tradição discursiva ocidental que remonta ao mundo antigo) não é unívoca. Há imagens diferenciadas e mesmo opostas da mulher basicamente presas a uma dupla configuração de representações do feminino.

Cumpra, antes, observar a copresença e a determinação multifatorial de ambas as imagens paradigmáticas por nós identificadas, podendo ser uma vista como contraparte da outra, mas não podendo ser dadas como imagens mutuamente excludentes (em autores como Gonçalves Dias ou Amaral é possível identificar a presença de ambas).

Como última observação podemos dizer que as imagens da oposição enfocada, tanto as do discurso de idealização e glorificação quanto do misógino eliminam em suas representações a mulher dos papéis centrais de condução das sociedades na História. Cumprem ambas os interesses de um modelo dominante em nossa poesia romântica, um modelo discursivo de voz preponderantemente patriarcal.